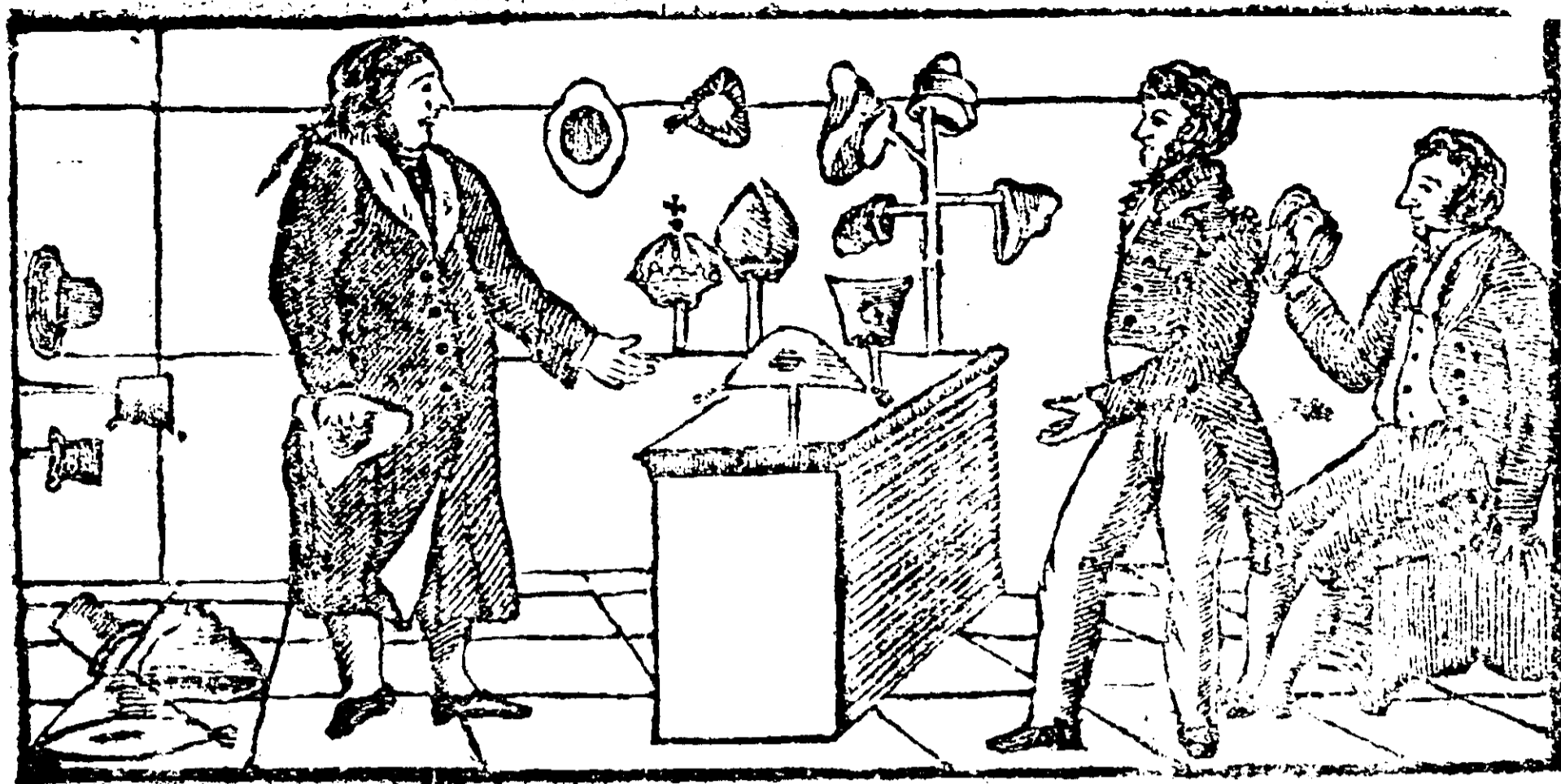


O
CARAPUCEIRO

26 DE JULHO
DE 1837



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SOPPRACCIDENS POLITICO.

*Non servare modum nostri novere libet.
Parcere personis, dicere de vitiis
Marcial. l. iv. to. Epist. 33.*

Guardarei nesta Folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

A impunidade,

De quantos males peção sobre o nosso Brazil nenhum em meu humilde pensar he tão lastimoso, e consideravel, como a impunidade. Entre nós já não há nem vislumbres de medo em cometer os maiores crimes: os assassinos parece, que são empregados por engajamento; que estão assoldados para exercer a toda hora o seu horrivel mister, e em consequencia já não esperão as trevas, e calada da noite; no mais alto do dia, no meio das ruas embebem o punhal, ou disparão o hacamarte no coração da sua victima!!! E ainda se diz, que somos hum Povo civilizado, e livre? A inda se apregoa o

progresso das nossas luzes? Como pode dar-se Liberdade onde falta a segurança pessoal, base de todos os gozos, de todas as garantias? Quem há nesta Provincia, que possa julgar a sua vida sobranceira ás ciladas de hum rival, de hum inimigo, que a todo o momento lh'a pode mandar arrancar á custa de meã duzia de patações? Quem não pasma de ver a facilidade, e desfastio, com que entre nós se perpetra o horrendo crime do homicidio?

Varias cauzas, a meu ver, tem concorrido para tão espantosa relaxação: mas só tractarei das principaes, que vem a ser; a depravação dos costumes, provenientes, de falsos princi-

MUTILADO

pios, e a frouxeza das nossas leis penaes. He inegavel, que no Brazil geralmente fallando, sempre foi deixada, e mal dirigida a educação das familias, já pela falta de instrucção publica, já pela peste da escravaria, que s'introduzio em o nosso Paiz. Em quanto o Povo conservava os principios da crença Religiosa, ainda que mesclados de extravagantes superstições, deixava-se levar do temor de Deos, das penas do inferno, &, e certos crimes horrorosos erão com effeito muito mais raros, e por isso quando apparecião de annos a annos causavão hum espanto geral: mas ao depois que os livros impios atravessãrão o Atlantico, ao depois que muitos entrarão a ler obras, aias de estilo seductor, em que se mette a ridiculo a salutar idéa da immortalidade d'alma, obras, em que lisonjeando as paixões, se pintão graciosamente como quimericas as penas eternas da outra vida, e contos, e novellas, em que se pretende destruir o typo de todos os principios de ordem social, quero dizer; a grande e saluberrima idéa da existencia de hum Deos remunerador da virtude, e castigador do vicio, ao depois finalmente que huma praga de livros, falsamente chamados filosoficos, e derramados por todo o Brazil innoculãrão o veneno do egoismo, reduzindo tudo a os interesses da vida prezente, e taxando de illusões vulgares, e d'imposturas Sacerdotaes os dogmas salvadores da vida eterna; a nossa moral perdeu os verdadeiros ali-

cercos; as paixões soltas, e desempeçadas usurparão o terreno, que occupavão os sentimentos Religiosos, e os vicios, e crimes por consequencia á maneira de hum açude transbordado seus diques, tem extendido os estragos de todas as partes.

As leis penaes bem podião pôr algum estorvo á torrente dos crimes, mas o nosso Codigo, como se fóra feito para se executar em hum Povo eminentemente morigerado, mitigou todas as penas, e dest'arte parece, que acoroçoou o pendor quasi geral de cometer os delictos. Hum Paiz, oade nunca se cuidara seriamente na cultura moral, hum Paiz corrompido sem nunca ter sido civilisado saltou repentinamente das penas da Ordenação do Livro 5.º ás do Codigo, que actualmente nos rege. Antigamente bastava, que o individuo fosse apanhado com huma faca de ponta para ser degradado por 5 annos para as costas d'Africa; hoje (graças ao progresso, que nos trouxe o Codigo) o mesmo crime, sempre, e mui facilmente affiançavel, manda o citado codigo, que seja punido com 15 a 60 dias de prizão, e multa correspondente á metade do tempo!

Ja ouvi sustentar, que melhor seria riscar da classe dos crimes o trazer armas, seja de que natureza for, com tanto que se não lance mão dellas para offender a outrem, como se pratica em os Estados Unidos d'America. Mas com o devido respeito não posso abraçar tal opinião, primeiramente por que querer equiparar o Povo do Brazil com o d'aquelles Paizes he huma verdadeira Utopia; em segundo lugar estou firme na maxima geralmente recommendada por todos os Criminalistas -- que he sempre melhor prevenir os crimes, do que deixar, que se elles cometão para ao depois os punir -- Além disto a occasião (como diz o antigo prologo) he que faz o ladrão.

Huma grande parte dos homicídios são cometidos; por que os réos andam armados; que se não trouxessem armas, seriam muito provavelmente mais reprimidos, e não se deitando a valentes, varião de perpetrar a morte, ou de a sofrer. Por esta parte não me agrada o regimen Americano; e não entendo, que por lá se não comettem homicídios; por que trazem todas as armas, que querem; se não, que se não cometem a pesar dessa permissão, o que bem prova a morigeracão desses Povos.

Ainda há causa pior, do que a brandura das nossas leis penaes, que vem a ser; a falta de execução dessas mesmas penas. Tal he a nossa immoralidade, que o homem assassino de profissão, e inveteradamente perverso, o homem, que em qual quer paiz civilizado seria objecto de horror, e execração publica, o homem, que por seus crimes não acharia guarida em parte alguma, encontra no meio de nós padrinhos, e protectores, e se chega a ser accusado perante o Jury, é facilmente he absolvido; por que não falta quem s'empenhe em seu favor. Que sympathia para com o crime! Quantas familias honestas vivem na mais dolorosa indigencia, sem acharem quem dellas se compadeça! Mas hum malvado, que cobrou a infame nomeada de assassino destro, e expedito, esse tem quem o acolha, esse tem quem o defenda, e gaste dinheiros para o livrar. Ora em verdade se nós já não cremos em Deos, se julgamos hum sonho as estreitas contas, que deverá tomar-nos além desta vida, se já nem acreditamos em fim na immortalidade da nos'alma, não admira, antes he muito natural, que nos entreguemos desenfreadamente ás nossas paixões, e que nenhum scrupulo nos prenda a mão assassina, quando o odio, a vingança nos dominão o coração.

Por outra parte as mais bellas, que solidas theorias de Beccaria, Carlos Lucas, Roussy, &c. á cerca da pena de morte, theorias mui gabadas por innumerous Periodicos do nosso Brazil, tem-nos feito mais mal, do que se pensa, tanto assim que he causa mui ordinaria ouvir por ahi até a pessoa rusticas, que já ninguem está sujeito á pena ultima; por que está assentado, que a Sociedade não tem direito para impor tal pena. Eu já li, e com reflexões todas essas obras, e muito respeito as filantropicas intenções de seus illustres Auctores; mas concluo de tudo, que elles dizem, que ou a Sociedade pode em certos casos tirar a vida a aquelle de seus membros, que a perturba, e offende gravemente, ou que se não lhe cabe este direito, tambem o não tem para impor pena alguma.

Bem desejára, que os homens fossem todos taes, que nunca houvesse a dura necessidade de effectuar-se a pena ultima: mas devemos conciderar os homens (diz Benjamin-Constant) como elles realmente são, e as cousas, como deverão ser, e não *vice versa*. O que seria dos cidadãos honestos, e pacíficos, se eliminada fosse do nosso Codigo a pena de morte? Quem mais poderia habitar no Brazil, se os assassinos soubessem, que nunca terião de sofrer a pena ultima? Desengane-mo-nos, que a prisão com trabalho, as casas de correccão, &c. são penas, que podem produzir saudavel effeito no homem, que ainda guarda em seu coração sementes de recipiencia; mas que são inefficazes, são improveitosas para o assassino de profissão, cuja alma perversa já não he impressionavel ao aguilhão do remorso. Para tal tigre só a pena de morte, por meio da qual livrá-se a Sociedade, não de hum homem, ainda susceptivel de correccão, e emenda, porem sim de huma

MUTILADO

fera sanguisedenta, e indomavel.

Se algum dia os nossos costumes se tornarem tão puros, e perfectos, que os homens saibão respeitar reciprocamente os seus direitos, e cumprir os seus deveres, se em algum tempo os mais poderosos se horrorizarem de assalariar sicarios para satisfazer as suas vinganças, se apparecer huma epocha, em que o homicidio premeditado seja objecto da indignação, e horror universal; então eu direi, que deve ser riscada do Codigo Penal a pena ultima.

Parece, que estas verdades começam a calar no animo dos Cidadãos sisudos, e bem intencionados; pois na ultima sessão do Jury nesta Capital já forão condemnados ao suplicio alguns réos convencidos de assassinios. Em verdade he preciso, que todos os homens honestos, e cordatos conspirarem unanimemente em perseguir os malvados, sob pena de vivermos sujeitos a seus perversos caprixos, e de irmos sendo victimas de seus sempre aguçados punhaes. O homem, que de sangue frio está constantemente disposto a prestar o braço assassino a quem lhe pague para tirar a vida a outrem, nunca e offendeo, e a quem muitas vezes nem bem conhece, he hum monstro, que não deve viver no meio dos homens.

Reservemos a nossa compaixão para a orfandade desamparada, para a pobreza desvalida, e ainda para as fragilidades humanas; mas olhemos sempre com indignação para o malvado, que faz vida de sicario, e se assoldada para matar ao seu semelhante, persigamo-lo com todo o rigor da justiça de sorte que venha elle a encontrar em cada Cidadão honrado, não hum padrinho, mas hum accusador, não hum advogado, mas hum perseguidor

Concluirei este meu discurso com as seguintes Maximas de hum respeitavel Criminalista.

„ Com Leis fracas nunca haverá Tribunaes fortes, e os mesmos Tribunaes serão sempre mais fracos, que as Leis. „

„ Em qual quer Estado he preciso punir mais, do que recompensar pela mesma rasão de que em huma marcha militar são reprehendidos os que deixão as fileiras, e nada se diz a os que nellas caminão. „

„ Se a Sociedade não tivesse o poder de impor a hum assassino a pena capital, a natureza teria recusado ao homem a força fisica de dar a morte ao seu semelhante.

„ Deos manda ao homem, que perdõe; mas prescreve á Sociedade, que puna.

Pernambuco na Typ. de M. F. de Faria 1837:

MUTILADO